

* 2 JUN 1985

Collor também recusa o apoio do PSD de Cals e Figueiredo

JORNAL DA TARDE

O PSD do general João Figueiredo e do ex-ministro César Cals, que ficou sem candidato à sucessão depois da última renúncia de Jânio Quadros, não está nos planos de Fernando Collor de Mello, do PRN. "A companhia dessas pessoas não é nada agradável", resumiu ontem o assessor de imprensa de Collor, Cláudio Humberto, recusando qualquer oferta de apoio que possa vir do PSD. Não é bem assim. O deputado Renan Calheiros, que comanda as articulações de apoio a Collor, prefere analisar individualmente cada adesão — e já adiantou que uma eventual colaboração de Jânio seria bem-vinda. "Só não podemos descaracterizar a candidatura", recomenda Calheiros.

Descaracterizar, para Calheiros, seria Collor aparecer também no programa do PSD em cadeia nacional, marcado para dia 20. "Se aceitasse participar, ele estaria em companhias bastante incômodas, como a de César Cals", pondera o deputado. Na prática, porém, o problema é outro. O alto comando da campanha de Collor teme que mais uma hora na tevê seja uma excessiva exposição e, já que o candidato tem uma posição favorável nas pesquisas, talvez não fosse conveniente arriscar a imagem.

Na opinião do diretor técnico do Ibope, Luís Paulo Montenegro, o desgaste de um candidato e sua conseqüente queda nas pesquisas por causa de um excesso de exposição é relativo. "Tudo depende da consistência do candidato", analisa. "Se ele não for apenas um sucesso de marketing, não perderá pontos. Um nome consistente, que transmita credibilidade, que tenha o que dizer, não deverá ser prejudicado com um programa de tevê a mais." Montenegro, porém, não arrisca afirmar se, no caso de Collor, haveria ou não tal consistência.

Participando ou não do programa do PSD, Collor não poderá evitar os problemas que o PDT de Leonel Brizola vem atravessando em seu caminho. Ontem, o presidente em exercício do partido, Doutel de Andrade, ingressou no TSE com uma representação para punir o PSC (Partido Social Cristão), o PTR (Partido Trabalhista Renovador) e o PRN (Partido da Reconstrução Nacional) por terem cedido o espaço de seus programas na tevê a Collor. Doutel pretende que o TSE casse os direitos dos três partidos às transmissões gratuitas, obrigando-os a reembolsar as emissoras pelas três horas de programação: Ele

alega que os partidos não cumpriram a lei que estabelece que "não será permitida propaganda de candidatos a cargo eletivo sob qualquer pretexto". A resposta ao pedido de Doutel deve sair no início da próxima semana.

Enquanto isso, Collor segue contabilizando adesões. No Paraná, onde a candidatura de Ulysses Guimarães não empolga todo o PMDB, quatro dos 30 deputados da bancada na Assembléia Legislativa devem aderir a Collor nos próximos dias. Para quem teve negada a concessão do título de cidadão honorário do Paraná, há um mês, não deixa de ser um bom começo. Mas Collor deve ter adesões também do PFL paranaense. Dos seis deputados da bancada estadual, dois já estão com o pé em sua candidatura. E, dependendo de seu desempenho no primeiro turno, poderá engrossar a lista de adesões com mais 15 deputados — todos ao chamado grupo conservador.

Esses apoios incomodam o PDT de Brizola, que tenta desprezá-los como pode: "Dentro de dois meses, a população se dará conta do produto que a direita tenta colocar no mercado", diz o deputado César Maia, assessor de Brizola.